

O diálogo como método de resistência política fundamental

TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*. 1ª ed. RJ: Record, 2015.

Por Valéria Lopes Peçanha*

Em tempos de amplo acesso à internet e às redes sociais, reflexões sobre as questões cotidianas da cultura política brasileira parecem ocupar todos os espaços. E é neste tumultuado terreno, do debate público sobre as questões cotidianas, que a intervenção de Marcia Tiburi se desenvolve. Temas como fanatismo ideológico, tendências fascistas, conservadorismo político, cultura do estupro, dentre outros são problematizados na obra *Como conversar com um fascista* num aberto incentivo ao raciocínio e ao diálogo como resposta necessária ao “cotidiano autoritário brasileiro”. Resgatando o sentido clássico da Filosofia, a publicação promove um exercício filosófico-político que parte das questões presentes no debate público sobre a política brasileira.

Propondo o diálogo como modelo metodológico, Tiburi elege como alvo principal o recente crescimento das tendências fascistas na cultura política brasileira. O fascismo é o inimigo que a autora busca enfrentar através da “forma mais específica de ativismo político”, o diálogo, contra a intransigência fomentada pela hegemonia política brasileira (aqui se destaca a grande mídia). O exercício de desnaturalização do fascismo é, portanto, o eixo unificador da obra que transita amplamente por distintas temáticas contemporâneas (da depressão ao aborto) e nos múltiplos canais comunicacionais em que as polêmicas do nosso tempo se dão, com forte evidência do espaço virtual como arena política do século XXI.

Indo direto ao ponto, o fascista para a autora é um tipo psicossocial paranoico presente na cultura política contemporânea e responsável pela produção do espetáculo do autoritarismo, exercendo seu poder para promover a negação do outro. Enquanto muitos titubeiam e relativizam sem conseguir dar a devida atenção à uma das mais duras questões políticas do nosso tempo - o neofascismo, aqui a decidida adoção do termo fascista (central no título da obra, em caixa alta e rosa choque na capa) é apenas o primeiro passo na determinação da autora em denunciar a produção dos afetos pelo uso do jogo

* Professora de Sociologia do Colégio Pedro II, Mestre em Serviço Social e Especialista em Ensino de Sociologia pela UFRJ.

linguístico nos meios de comunicação de massa. Por exemplo: o ódio na política brasileira, que revela a condução afetiva de massa contra certos grupos sociais.

Contra a cultura do ódio e sua conseqüente instrumentalização política, Tiburi dispara (p. 94):

O ressentimento esconde o ódio e é a origem do fascismo que ‘pesa’ sobre nossa cultura atual. No gesto de todo fascista seja o homofóbico, o machista, o racista, o que defende a desigualdade de classes, ou a ‘natureza’ superior de uns contra outros, no fascismo sutil do capitalismo que diz que as coisas não podem ser diferentes – está o ressentimento, sinônimo de ódio, marca da impossibilidade de ir além de si mesmo, de produzir um mundo melhor para todos.

Emoções que, em tempos de redefinição da informação pelos efeitos das novas tecnologias, são fomentadas pelo consumismo e pela hiperprodução da linguagem resultantes do uso excessivo de redes sociais e meios de comunicação: um vazio das emoções compensado pela ação consumista do discurso.

Essas relações de causalidade são utilizadas para explicar também a relação entre a dominação de gênero e o autoritarismo político, a dupla opressão que marca a atual cena política brasileira e com a qual se defrontam o feminismo e demais movimentos críticos do binarismo de gênero, da objetificação e do extermínio da mulher (no sentido mais inclusivo do termo) transformada em ser produtivo, consumível e matável. Como explicar a adesão de frações da população ao posicionamento conservador do legislativo brasileiro sobre o aborto e o direito das mulheres, por exemplo? Se tomarmos outra problemática que também vem obtendo visibilidade recente, graças à luta feminista, podemos nos perguntar: como explicar a legitimação da lógica do estupro e a persistente culpabilização da vítima?

O que caracteriza o nosso tempo “de atos digitais”, segundo a autora, é que o excesso de exposição de opinião não significa diálogo. Registre-se essa valiosa contribuição: ao evidenciar a diferença entre discurso e diálogo a autora nos alerta para a realidade como uma luta de “discursos e perspectivas”. Nesse tempo, em que “o isolamento em comunidade” caracteriza nossa existência coletiva e que “a simulação é o nosso novo modo de ser”, os vazios seguem escondidos e ocultam reproduções perigosas justamente porque são facilmente aceitas (tal como trata o excelente Capítulo 48 intitulado A arte de escrever para idiotas). Um tempo de impotência e isolamento só

superável, num sentido progressista, pela reinvenção do humano pelo diálogo e pela recriação. Em síntese, tempos de crise e de grandes dificuldades, só superáveis pela disputa democrática dos sentidos fascistas que ameaçam nos tragar!

A obra é um imprescindível exercício reflexivo de formação política. Filósofa, escritora, professora de Filosofia, colunista da Revista Cult e envolvida num partido feminista em construção, denominado #partidA, Marcia nos brinda com a sua argumentação perspicaz que destoa dos discursos aos quais somos cotidianamente expostos, por exemplo nos meios de comunicação brasileiros. Nesta obra, seu fazer filosófico pretende se aproximar da linguagem comum e dos problemas coletivos para promover atitudes transformadoras e democráticas de enfrentamento ao ódio: sustentáculo da construção de personalidades autoritárias cada vez mais presentes na crise institucional que atravessamos.

Do debate cotidiano à reflexão filosófica, talvez aja mais necessidade de se criarem mediações ou de pelo menos reforçar este caminho, já que para o leitor comum distanciado dos referenciais teóricos da autora (ou repertório cultural, como se refere Jean Wyllys no prefácio da obra, ao elogiar a generosidade teórica da autora), a opção da autora pelo uso de referências filosóficas da maior pertinência, como Theodor Adorno e Giorgio Agamben, pode gerar alguma incompreensão. Tais autores mereceriam maiores cuidados didáticos ao serem citados, já que diversas argumentações se constroem conceitualmente apoiadas nestes e em outros. Esta constatação é secundária diante do audacioso objetivo da obra, uma leitura *cult* que tem o mérito de conectar a filosofia aos problemas cotidianos, aproximando-nos dos referenciais de uma cultura intelectual que valoriza a alteridade e o diálogo.

Mérito também em se colocar à disposição num mercado editorial que vem sendo ocupado por figuras (como bem tipificou a autora no capítulo 48) do tipo “idiota mercenário que lucra com a arte de escrever para idiotas”. (p. 128). Entrar nas grandes livrarias e encontrar esta obra nas prateleiras de Ciência Política é um alívio necessário nestes tempos enlouquecidos.